

The background of the cover features a stylized illustration of two blue hands. The top hand is positioned as if holding a large, tangled ball of orange string. The bottom hand is shown with the orange string looping through its fingers. The string continues to trail down the page, creating a sense of movement and complexity. The entire design is set against a solid dark blue background.

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

O pensamento filosófico e suas
relações com a sala de aula

Kilma da Silva Lima Viana
Ana Maria da Cunha Rego



**Editora
IIDV**

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

O pensamento filosófico e suas
relações com a sala de aula

Viana, Kilma da Silva Lima

Filosofia e educação [livro eletrônico] :
o pensamento filosófico e suas relações com a
sala de aula / Kilma da Silva Lima Viana, Ana
Maria da Cunha Rego. — 1. ed. — Recife, PE:
Instituto Internacional Despertando Vocações,
2025.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-88970-61-4

DOI doi.org/10.31692/978-65-88970-61-4

1. Ambiente de sala de aula 2. Educação -
Filosofia 3. Ensino - Metodologia 4. Pensamento
crítico I. Rego, Ana Maria da Cunha. II. Título.

25-308488.0

CDD-370.1

FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

O pensamento filosófico e suas
relações com a sala de aula

Kilma da Silva Lima Viana
Ana Maria da Cunha Rego



Filosofia e Educação

O pensamento filosófico
e suas relações com a sala de aula

Autoras

Kilma da Silva Lima Viana
Ana Maria da Cunha Rego

Editoração e diagramação

Mariana Almeida Ferreira Lima

Revisão

Marina Lima Coutinho da Silva
Mariana Almeida Ferreira Lima

ISBN

978-65-88970-61-4

DOI

doi.org/10.31692/978-65-88970-61-4

Editora

Instituto Internacional Despertando Vocações

As autoras



Kilma da Silva Lima Viana nasceu em 2 de fevereiro de 1970, filha do Professor Ivonaldo de Souza Lima e de Ione Ferreira da Silva Lima (ambos falecidos em 2017 e 2019, respectivamente). É irmã de Zodja da Silva Lima, Ivonaldo de Souza Lima Junior, Wallace da Silva Lima e Chrys-tian da Silva Lima; mãe de Ana Maria da Cunha Rego, Maria Luiza da Cunha Rego e Deborah Lima de Queiroz Alves; e avó de Maya Elizabeth Lima Alves. É esposa do amor de sua vida, Erick Viana da Silva.

Timbaubense de nascença, considera-se aliancense de coração e recifense de formação, pois, apesar de ter nascido em Timbaúba (interior de Pernambuco), grande parte de suas memórias afetivas foi construída nas casas, ruas, praças e calçadas de Aliança (cidade vizinha), onde passava todas as férias e festas na casa de sua tia Yolanda (irmã de sua mãe). Aos seis anos de idade, veio morar no Recife, cidade onde construiu sua formação pessoal e acadêmica. Por isso, é apaixonada pela cultura pernambucana e torcedora do Sport Club do Recife.

Possui graduação em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (1997–2003); segunda licenciatura em Física pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI (2021–2022); especialização em Avaliação Educacional pela Universidade de Caxias do Sul – UCS (2021–2022); mestrado em Ensino das Ciências pela Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE (2006–2008), com ênfase em Avaliação no Ensino de Física; e doutorado em Ensino de Ciências e Matemática, também pela UFRPE (2010–2014), com ênfase em Avaliação no Ensino de Física e Química.

É associada fundadora do Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV); diretora de Ensino do IIDV (2022-atual); coordenadora-geral do Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL (2013-atual); presidente de honra do IIDV (2022-atual); e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências – GEPEC/IIDV (2018-atual), desenvolvendo as linhas de pesquisa “Formação de Professores” e “Concepções e Experiências em Avaliação da Aprendizagem”.

Também é coordenadora e líder do Laboratório de Avaliação – LA/IIDV (2014-atual) e foi presidente do IIDV (gestão 2018–2022). É Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECEM/UFPE-CAA (2015-atual), Professora aposentada do Instituto Federal de Pernambuco – IFPE, *campus* Vitória de Santo Antão (2009–2023), e líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC/IFPE (2010-atual), desenvolvendo as linhas de pesquisa “Formação de Professores” e “Ensino e Avaliação: concepções e práticas”.



Ana Maria da Cunha Rego nasceu em Recife, em 24 de janeiro de 1991. Filha de Joakim da Cunha Rego e Kilma da Silva Lima Viana, é irmã de Maria Luiza e Deborah. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE-CE (2015); especialização em Docência e Gestão no Ensino Superior pela Faculdade Estácio do Recife (2017); e mestrado em Educação em Ciências e

Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE-CAA (2019).

É associada fundadora do Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV) e coordenadora de Formação Continuada do IIDV (2020–atual). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Ciências – GEPEC/UFPE, desenvolve as linhas de pesquisa “Formação de Professores” e “Ensino e Avaliação: concepções e práticas”. Também é membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências – GEPEC/IIDV (2018–atual), onde desenvolve as linhas “Formação de Professores” e “Concepções e Experiências em Avaliação da Aprendizagem”.

Atua como orientadora do Programa de Iniciação Científica – PIC/IIDV (2018–atual). Foi coordenadora adjunta pedagógica do Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas – PDVL (2015–2018), coordenadora de Ensino do IIDV (2018–2020), Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FACOL – UNIFACOL (2024–2025) e tutora EAD do Centro Universitário Maurício de Nassau – UNINASSAU (2019–2022).

Dedicatória

Dedicamos este livro a todas as pessoas que lutam pela liberdade! A todas aquelas que sonham com um mundo mais justo, ético e inclusivo! Que entendem que o maior legado da Educação é transformar vidas, dar voz aos silenciados e nos humanizar.

Agradecimentos

Agradecemos a Deus por nos permitir concluir mais um projeto em nossa existência. Cada livro que escrevemos representa um pouco do que queremos deixar para o outro. É a nossa forma de abraçar a todas e todos que nos incentivam a concluir nossos planos e sonhos e que estão sempre vibrando com nossas vitórias!

Escola é...

O lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que alegra, se conhece, se estima.

O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.

E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados"
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, Indiferente, frio, só.

Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se "amarrar nela"!

Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil! Estudar, trabalhar, crescer,

Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

(Paulo Freire)

Apresentação

Olá! Queremos lhe convidar para fazer uma leitura bem leve sobre o pensamento filosófico e entender como ele pode se materializar na sala de aula. Entender suas relações com as práticas da professora e do professor e com a formação de estudantes.

Somos pedagogas apaixonadas pela Educação, amamos nossos estudantes e o ambiente escolar e por isso, ao longo de nossa vida profissional, sempre buscamos compreender as bases da Ciência da Educação e como ela se conecta com a sala de aula e com a realidade fora dela.

Durante o curso de Pedagogia, estudamos os fundamentos da Educação (Filosofia, Sociologia, História, Antropologia e Psicologia) e, para sermos bem sinceras, apenas na Psicologia encontrávamos razões para estar na matriz curricular, por explicar sobre o processo de aprendizagem. Todas as outras, sabíamos da importância, mas não conseguíamos fazer a relação de maneira tão clara.

Finalmente, revisitando os nossos livros da graduação, exercendo a docência, refizemos o caminho, e entendemos, na prática, o que cada fundamento daquele significava para que nos tornássemos professoras cientistas da Educação que ocorria na sala de aula.

E neste livro tentamos trazer essa relação, para construir, junto com você, novos caminhos para a transformação social, através da Filosofia que viveremos no chão da escola com nossos estudantes.

Boa leitura e uma excelente reflexão-ação-reflexão!

Sumário

15 Parte 01 – A Filosofia: origem e principais ideias

15 1.1. Origem do termo

17 1.2. A Filosofia como amor ao saber

18 1.3. O método filosófico: reflexão, argumentação e crítica

20 Parte 02 – A Filosofia e o pensamento científico

20 2.1. Diferenças entre Filosofia e outras formas de conhecimento

22 2.2. Razão e intuição: diferentes formas de conhecer

24 2.3. A Filosofia, a Ciência e o método científico

29 2.4. A relação entre Filosofia e senso comum

33 Parte 03 – A Metafísica

33 3.1 A questão do ser (Ontologia)

37 3.2 Relacionamento e ser amado

39 3.3 A existência de um ser supremo na perspectiva filosófica

41 Parte 04 – Ética, normas e ações humanas

41 4.1 A ética e o papel das normas morais na sociedade

45 4.2 Valores éticos e estéticos e suas relações com as ações humanas

49 Em síntese – Filosofia, Educação e transformação social

52 Referências

Parte 01

A Filosofia

origem e principais ideias

A palavra Filosofia vem do grego e carrega um significado essencial: amor à sabedoria. Formada pelos termos *philo* (amor) e *sophia* (sabedoria), essa expressão revela muito mais do que um simples conceito; ela traduz uma postura diante do conhecimento, uma busca constante pelo entendimento da realidade.

1.1. Origem do termo

Pitágoras, ao se autodenominar *philosophos*, rejeitava a ideia de que alguém pudesse ser sábio de forma absoluta, reforçando a noção de que a sabedoria é um caminho, e não um ponto final. Platão retomou essa perspectiva ao vincular a Filosofia ao desejo de alcançar a verdade (*alétheia*), enquanto Aristóteles a definiu como a investigação dos primeiros princípios e causas da existência.

Essa inclinação natural ao conhecimento foi descrita por Aristóteles¹ (384 a.C-322 a.C), ao afirmar que “todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer” (2011, p. 982b). Essa afirmação não se limita a um interesse passageiro por fatos isolados; pelo contrário, expressa o impulso humano de compreender o mundo de maneira profunda e coerente. A Filosofia, portanto, não é apenas um acúmulo de informações, mas um exercício contínuo de reflexão e questionamento.

¹ Filósofo e polímata da Grécia Antiga. Um dos pensadores mais influentes da história ocidental.

Desde os tempos antigos, filósofos debatiam em praças públicas, desafiando conceitos estabelecidos e abrindo espaço para novas formas de compreender o mundo. Esse diálogo filosófico continua fundamental na atualidade, seja no ambiente acadêmico ou na prática docente, incentivando uma postura crítica e reflexiva, afinal, desde os primeiros momentos da vida, a curiosidade nos acompanha. Perguntas como “Por que o céu é azul?” ou “O que acontece depois da morte?” são exemplos do pensamento filosófico que surge espontaneamente.

Assim, se trouxermos essa discussão para dentro da sala de aula, percebemos que a Filosofia pode ser uma ferramenta transformadora na Educação. Muitas vezes, os estudantes chegam com a expectativa de que há sempre uma resposta correta para tudo. Mas o pensamento filosófico desconstrói essa lógica, incentivando-os a pensar por conta própria, pois, em vez de decorar conceitos, a Filosofia ensina a questioná-los.

Um Professor ou uma Professora, que estimula o exercício intelectual reflexivo, pode auxiliar o estudante a extrapolar o contexto acadêmico, ajudando-os a desenvolver autonomia intelectual e um olhar mais crítico sobre o mundo. Essa perspectiva nos mostra que a Filosofia não está restrita aos livros, tampouco pertence apenas aos grandes pensadores da história.

Ela está na nossa capacidade de argumentar, de nos indignarmos com injustiças, de refletirmos sobre nossas escolhas e de buscarmos sentido para nossa existência e para os estudos acadêmicos, ou seja, é um convite para uma jornada de descobertas. Dessa forma, podemos dizer que o verdadeiro papel da Filosofia na sala de aula não é oferecer respostas fechadas, mas ensinar a arte de formular boas perguntas.

1.2. A Filosofia como amor ao saber

O pensamento filosófico tem sido compreendido como uma atividade racional que busca compreender os princípios fundamentais da existência. Sócrates¹ (470 a.C-399 a.C), com seu método dialógico, trouxe a Filosofia para o campo do questionamento constante e da investigação interior. Para ele, conhecer a si mesmo era a chave para qualquer outro tipo de conhecimento. Sua famosa frase, registrada na obra de Platão² (427 a.C-347 a.C) - “a vida sem exame não vale a pena ser vivida” (Platão, 2015, p. 38a-b) - expressa essa ideia central de que a Filosofia não é apenas um saber teórico, mas uma prática de vida.

Immanuel Kant³ (1724-1804) também reforça essa visão ao afirmar que a Filosofia não deve ser vista como um conjunto de respostas prontas, mas como um processo contínuo de reflexão. Kant (2001) propõe quatro questões fundamentais que orientam a existência humana: O que posso saber? O que devo fazer? O que posso esperar? O que é o homem? Esses questionamentos atravessam os séculos e continuam atuais, pois nos ajudam a compreender nosso papel no mundo.

A Filosofia, portanto, não busca apenas teorizar sobre a realidade, mas compreender os fundamentos que sustentam o nosso pensamento e nossas ações. Ela nos ensina que o conhecimento é sempre provisório e que a dúvida é uma ferramenta essencial para o avanço do saber.

Na sala de aula, esse papel é fundamental. Em um contexto em que muitas disciplinas trabalham com respostas concretas e

1 Filósofo ateniense da Grécia Antiga. Creditado como um dos fundadores da Filosofia ocidental, mas até os dias atuais é uma figura enigmática, pois é conhecida através dos relatos de outros filósofos, que viveram mais tarde.

2 Filósofo, discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles. Chamava-se Arístocles. Nascido em Atenas. O apelido “Platão” surgiu na juventude por ser forte e de ombros largos (Platon, em grego, significa “ombros grandes”). Fundou a Escola Filosófica (Academia).

3 Filósofo, antropólogo, físico, matemático alemão e um dos principais pensadores do Iluminismo e da Filosofia ocidental moderna. Professor da Universidade de Königsberg (Prússia Oriental).

bem delimitadas, a Filosofia introduz a dúvida e a reflexão. Isso pode, a princípio, causar estranhamento nos estudantes, mas logo se revela uma experiência enriquecedora.

Um Professor que incentiva o questionamento crítico não apenas ensina conteúdos, mas transforma a maneira como os estudantes encaram o próprio aprendizado. Em vez de memorizar definições, eles aprendem a analisar, interpretar e argumentar. Esse desenvolvimento não apenas melhora o desempenho acadêmico, mas também fortalece a capacidade de tomar decisões mais conscientes na vida cotidiana, o que contribui para desenvolver um pensamento mais autônomo e uma postura mais ativa diante dos desafios.

1.3. O método filosófico: reflexão, argumentação e crítica

O método filosófico se distingue de outros tipos de investigação por seu caráter reflexivo e crítico. Ele trabalha com a análise racional e o questionamento sistemático. Desde a Grécia Antiga, Sócrates já adotava um método dialógico, baseado em perguntas e respostas, para estimular seus interlocutores a refletirem sobre suas próprias crenças.

No pensamento moderno, Kant elevou o método filosófico a um novo patamar ao introduzir a noção de criticismo. Para ele, a Filosofia não deve apenas acumular conhecimento, mas também investigar os limites e as condições do saber humano. Desse modo, Kant argumenta que a razão precisa ser examinada criticamente, para evitar ilusões e erros.

Ressaltamos que o pensamento crítico também se manifesta no critério da falsificabilidade proposto por Karl Raimund Popper¹ (1902-1994). Segundo

¹ Filósofo, sociólogo, matemático austro-britânico. Foi Professor da Universidade de Londres. Considerado um dos maiores filósofos do século XX.

ele, uma teoria só pode ser considerada científica se for passível de refutação. Embora esse princípio tenha sido formulado para a Ciência, Popper (1980) ressalta a importância do questionamento também na Filosofia, pois o pensamento filosófico, assim como o científico, deve estar aberto à revisão e ao aprimoramento constantes.

No entanto, o que torna o método filosófico tão singular é sua ênfase na argumentação e na coerência lógica. Um filósofo não se contenta com afirmações superficiais, mas busca justificar suas ideias com argumentos sólidos e bem estruturados. Essa preocupação com a lógica e a clareza do pensamento faz da Filosofia uma ferramenta poderosa para a compreensão da realidade e para o desenvolvimento da Ciência.

Na sala de aula, estimular os estudantes a questionarem conceitos aparentemente óbvios é um excelente ponto de partida para desenvolver a postura crítica e investigativa característica do pensamento filosófico. Esse exercício de reflexão contribui para a formação de cidadãos mais críticos, capazes de lidar com a diversidade de opiniões e perspectivas no mundo contemporâneo.

Além disso, a argumentação filosófica pode ser um recurso valioso para o desenvolvimento das habilidades de escrita e comunicação oral dos estudantes. Saber construir um raciocínio coerente e fundamentado é uma competência essencial não apenas para o ambiente acadêmico, mas também para a vida profissional e social.

Portanto, mais do que um método de investigação teórica, a Filosofia se revela como uma prática intelectual indispensável para o desenvolvimento integral do ser humano.

Parte 02

A Filosofia

e o pensamento crítico

2.1. Diferenças entre a Filosofia e outras formas de conhecimento

A Filosofia se distingue de outras formas de conhecimento por sua abordagem essencialmente reflexiva e questionadora. Enquanto a Ciência se baseia na experimentação e na observação para formular hipóteses testáveis, a Filosofia investiga os próprios fundamentos do conhecimento. Bertrand Arthur William Russell¹ (1872-1970) destaca que apesar de “a Filosofia, embora incapaz de nos dizer, com certeza, qual é a resposta verdadeira para as dúvidas que ela própria suscita, é capaz de sugerir diversas possibilidades que ampliam os nossos pensamentos, livrando-os da tirania do hábito” (1971, p. 176).

Podemos citar também Popper (1980) quando aponta essa diferença ao afirmar que, enquanto as Ciências Naturais trabalham com hipóteses que podem ser testadas e falseadas, a Filosofia lida com questões que muitas vezes escapam à possibilidade de experimentação empírica. Isso não diminui sua importância; pelo contrário, evidencia seu papel reflexivo, que investiga conceitos como verdade, moralidade e existência.

Outro ponto de distinção é a relação entre Filosofia e Religião. Enquanto a

¹ Filósofo, matemático, lógico e historiador britânico (País de Gales). Formado pela Universidade de Cambridge e Professor da Universidade de Harvard, Universidade de Chicago, Universidade da Califórnia.

fé religiosa se baseia em dogmas e crenças inquestionáveis, o pensamento filosófico parte da dúvida como princípio fundamental. Encontramos respaldo em René Descartes² (1596-1650), que ressalta essa diferença ao afirmar que a Filosofia começa justamente pelo questionamento de todas as certezas, a fim de reconstruí-las sobre bases mais seguras.

Essa distinção entre Filosofia, Ciência e Religião não significa que elas sejam opostas ou incompatíveis. Na verdade, há momentos em que os três campos se cruzam e dialogam. A Ciência, por exemplo, depende de pressupostos filosóficos, como a crença na racionalidade e na objetividade do conhecimento. A Religião, por sua vez, pode se beneficiar da reflexão filosófica para reinterpretar seus próprios conceitos e responder a questões existenciais de maneira mais profunda. Assim, a Filosofia não compete com essas áreas, mas contribui para que cada uma delas compreenda melhor os seus próprios fundamentos.

Na Educação, essa abordagem filosófica tem um impacto direto na forma como os estudantes lidam com o conhecimento e na formação cidadã, pois a Filosofia os incentiva a questionar não apenas os conteúdos que aprendem, mas também suas próprias crenças, as concepções de mundo e o impacto das descobertas científicas na sociedade.

Em um mundo em que a informação está cada vez mais acessível, o grande desafio não é apenas memorizar dados, mas aprender a interpretá-los criticamente. Assim, ao incentivar o questionamento e a reflexão, a Filosofia ajuda os estudantes a se tornarem pensadores autônomos, capazes de avaliar e construir argumentos sólidos, em vez de simplesmente aceitar informações sem análise. Muitas vezes, na sala de aula, vemos estudantes inseguros diante da incerteza. Acostumados a respostas exatas e definitivas, eles podem sentir desconforto ao perceber que o pensamento crítico não entrega soluções prontas.

2 Filósofo, físico e matemático francês. Formado também em Direito pela Universidade de Poitiers.

Porém, é justamente essa característica que o torna tão valioso. Ao desafiar os estudantes a pensarem por si mesmos, a Filosofia na Educação os prepara para enfrentar um mundo complexo, onde as respostas nem sempre são óbvias e a capacidade de argumentação e pensamento crítico são essenciais.

Dessa forma, a Filosofia torna-se uma ferramenta para a construção do pensamento crítico e para a compreensão mais profunda da realidade. Em tempos de desinformação e polarização, essa capacidade de refletir mostra-se ainda mais essencial. Em um cenário no qual discursos manipuladores se espalham rapidamente, formar estudantes capazes de analisar informações e questionar argumentos é um dos maiores legados que a Filosofia pode deixar para a Educação. Afinal, aprender a pensar, em última instância, é aprender a ser livre.

2.2. Razão e intuição: diferentes formas de conhecer

A busca pelo conhecimento sempre mobilizou diferentes formas de apreensão da realidade. Entre elas, a razão e a intuição se destacam como caminhos complementares para compreender o mundo. A tradição filosófica ocidental, desde Platão e Aristóteles, concedeu à razão um papel privilegiado, defendendo que o pensamento racional é a melhor ferramenta para alcançar verdades universais. Aristóteles (2011) ressalta essa distinção ao afirmar que o conhecimento racional se distingue do conhecimento sensível por seu caráter universal e necessário. Para ele, a razão permite construir conhecimento sólido, alicerçado em princípios lógicos e sistemáticos.

No século XVII, Descartes reforçou essa perspectiva ao desenvolver o racionalismo. Para ele, a razão seria a principal fonte de conhecimento e, por isso, deveria ser o fundamento sobre o qual todo saber se apoiaria. Sua famosa afirmação — “Penso, logo existo” (1999, p. 32) — sintetiza essa

crença na razão como ponto de partida seguro para a compreensão do mundo. O pensamento cartesiano marcou profundamente a tradição filosófica ocidental, estabelecendo um modelo de investigação baseado na dúvida metódica e na análise racional.

Entretanto, ao longo da história, a intuição também foi reconhecida como uma forma legítima de conhecimento. Diferente da razão, que exige um encadeamento lógico de ideias, a intuição, segundo Henri Bergson¹ (1859-1941), “nos permite captar a realidade de maneira imediata, sem a necessidade de mediações racionais” (2006, p. 12). Essa perspectiva sugere que há formas de saber que não passam pelo raciocínio discursivo, mas que ainda assim fornecem compreensões profundas e autênticas.

Edmund Gustav Albrecht Husserl² (1859-1938) aprofundou essa discussão ao introduzir o conceito de intuição eidética. Para ele, o conhecimento não se restringe ao que pode ser racionalmente estruturado, mas inclui também insights e compreensões imediatas que surgem a partir da experiência direta com os fenômenos.

Essa complementaridade entre razão e intuição, trazida por Husserl (2006), sugere que ambas são necessárias para a construção do conhecimento. A razão oferece um caminho estruturado, pautado pela argumentação e pelo rigor lógico, enquanto a intuição proporciona insights que muitas vezes escapam ao pensamento racional. Ao invés de se oporem, razão e intuição podem trabalhar juntas para ampliar nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Essa discussão ganha um significado especial no ambiente escolar. Muitos estudantes acreditam que o aprendizado ocorre apenas por meio da memorização de conteúdos e do raciocínio lógico, mas a intuição também tem um papel essencial no

1 Filósofo e diplomata francês. Laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1927. Professor do Collège de France, lycée David d'Angers.

2 Filósofo e matemático alemão. Foi Professor da Universidade de Gotinga e da Universidade de Friburgo.

processo educativo. A compreensão espontânea de um conceito, aquela sensação de “eureka” que surge sem uma explicação imediata, é um exemplo claro da atuação da intuição no aprendizado.

Assim, enquanto a razão permite que os estudantes desenvolvam habilidades argumentativas e analíticas, a intuição pode ser estimulada por meio de experiências reflexivas, leituras e debates que instiguem percepções profundas sobre a realidade. Dessa forma, a sala de aula se torna um espaço onde o pensamento racional e a sensibilidade intuitiva se complementam.

Ao considerar razão e intuição como partes igualmente importantes do aprendizado, é possível auxiliar os estudantes a compreenderem que o conhecimento não se resume à lógica formal, mas envolve também percepção, criatividade e interpretação. Essa abordagem amplia as possibilidades do saber e torna a Filosofia ainda mais significativa no contexto educacional.

2.3. A Filosofia, a Ciência e o método científico

A evolução do método científico está longe de ser fruto do pensamento de um único filósofo. Embora frequentemente atribuída a Descartes, sua consolidação passou por diversas mentes brilhantes antes e depois dele. Entre os primeiros a questionar como o conhecimento deveria ser construído, encontramos Roger Bacon¹ (1214-1294), que defendeu a experimentação como ferramenta essencial para compreender a realidade. Segundo Bacon “quem deseja, pois, gozar, sem dúvida, das verdades das coisas deve aprender a dedicar-se à experiência” (2006, p. 96).

Ele pavimentou o caminho para o empirismo, uma corrente que enfatizava a importância dos sentidos na construção do saber. Para ele, o conhecimento não deveria se basear apenas na fé, pois o entendimento do mundo

¹ Filósofo inglês franciscano. Formado pela Universidade de Oxford. Foi Professor da Universidade de Oxford e da Universidade de Paris.

terreno deveria estar ancorado na experiência e na observação. Essa separação marcou uma ruptura com o pensamento medieval, permitindo que o conhecimento avançasse sem depender exclusivamente da Teologia.

A partir dessa base filosófica, emergiram duas grandes vertentes: o construtivismo e o positivismo. Foi Francis Bacon² (1561-1626) quem deu ao conhecimento um caráter mais prático, defendendo que a Ciência deveria servir para transformar a realidade em benefício da humanidade. Inspirado pelas descobertas de Copérnico e Galileu, Bacon reformulou o método científico, que antes priorizava a dedução, à luz dos princípios de Aristóteles, dando prioridade à indução, ou seja, à construção de princípios gerais a partir de observações concretas. Bacon (2000) argumentava que a verdadeira Ciência deveria ampliar as capacidades humanas e reformular nossa relação com a natureza, tornando-a mais previsível e controlável.

Descartes por sua vez levou o método científico a um novo patamar. Embora concordasse com Francis Bacon na ideia de que a Ciência deveria servir ao progresso humano, discordava quanto ao papel dos sentidos na busca pelo conhecimento. Para Descartes (1999), a única certeza inquestionável era o pensamento racional, o que deu origem à sua icônica frase: “penso, logo existo” (1999, p. 32). Enquanto Bacon (2000) estruturou o método experimental indutivo, Descartes (1999) apostou na dedução como ferramenta principal para alcançar verdades universais e defendeu o pensamento cartesiano.

Esse pensamento, expresso no método científico de Descartes, também conhecido como Determinismo Mecanicista, revolucionou a Ciência ao propor que a realidade poderia ser compreendida ao decompor os fenômenos em partes menores.

O conhecimento, segundo esse modelo, surgiria a partir da análise metódica dos elementos que compõem um sistema maior. Esse método afirma que, para conhecer o todo, é preciso conhecer as partes e que o mundo pode ser descrito a partir de expressões matemáticas.

2 Filósofo empirista, político, cientista, ensaísta inglês. É considerado como um dos fundadores da Revolução Científica. Desde a infância, a sua educação foi orientada para a política.

Porém, Isidore Auguste Marie François Xavier Comte³ (1798-1857) trouxe uma perspectiva mais ampla sobre esse método científico. Ele propôs que os fenômenos naturais seguem uma organização hierárquica, e que a Ciência deveria refletir essa estrutura ao estudá-los. Comte (1978) acreditava que a humanidade havia passado por três estágios de desenvolvimento intelectual: o teológico, no qual os fenômenos eram explicados por divindades; o metafísico, que substituiu os deuses por conceitos abstratos; e o positivo, em que a razão e a Ciência se tornavam os guias para a interpretação da realidade, ou seja, o conhecimento válido deve ser baseado na observação empírica e na aplicação do método científico. Nesse último estágio (positivista), o conhecimento deveria ser objetivo, sistemático e baseado na identificação de leis naturais que regem os fenômenos.

Nessa perspectiva, esse pensamento rejeita explicações metafísicas ou religiosas sobre a realidade, argumentando que a Ciência é o único caminho seguro para compreender e transformar o mundo. Com essa premissa, Comte (1978) adapta o método cartesiano, originalmente aplicado às Ciências Naturais, para o estudo das Ciências Sociais e Humanas, pois sua proposta era clara: estudar a sociedade com o mesmo rigor aplicado às Ciências Exatas, buscando padrões e leis que permitissem entender e até mesmo prever o comportamento humano.

Dessa maneira, Comte (1978) reorganizou o conhecimento em áreas distintas, priorizando a observação empírica e a análise dos fenômenos sociais dentro de uma lógica científica. Ele classificou as Ciências de acordo com seu grau de complexidade, colocando a matemática como a mais abstrata e fundamental, seguida pela astronomia, física, química, biologia e, por fim, a sociologia. Para ele, essa hierarquia refletia o nível de desenvolvimento do pensamento humano, com as Ciências Sociais sendo as mais complexas justamente porque lidavam com a imprevisibilidade das relações humanas. Assim, Comte fortaleceu a ideia de que o progresso da sociedade deveria se basear no conhecimento científico.

3 Filósofo francês, Pai do Positivismo. Conhecido como Auguste Comte. Fundador da disciplina acadêmica de Sociologia. Formado pela Universidade de Montpellier.

Mas no início do século XX, com a ascensão da relatividade de Einstein e da mecânica quântica de Niels Bohr, a visão cartesiana e positivista começou a ser contestada. Surgia, então, um novo olhar sobre a Ciência, que enfatizava a incerteza e os limites do conhecimento absoluto. No entanto, foi Popper (1975) quem trouxe uma abordagem inovadora ao método científico, ao estabelecer o princípio da falseabilidade. Para ele, uma teoria científica não poderia ser comprovada definitivamente, mas deveria ser testada a ponto de ser refutada, caso estivesse errada. Popper (1975) enfatiza que o progresso da Ciência acontece não pela verificação de hipóteses, mas pela sua constante tentativa de refutação. Isso trouxe uma mudança fundamental na maneira como as teorias eram validadas, reforçando a importância do método hipotético-dedutivo.

Enquanto Popper via o avanço da Ciência como um processo contínuo de conjecturas e refutações, Thomas Samuel Kuhn⁴ (1922-1996) apresentou uma visão mais disruptiva. Kuhn trouxe uma nova forma de entender o progresso da Ciência ao desafiar a ideia de que o conhecimento evolui de maneira linear e acumulativa. Para ele, a Ciência avança por meio de mudanças de paradigma, ou seja, momentos em que um conjunto consolidado de ideias é profundamente questionado, dando lugar a um novo modelo de interpretação da realidade (Kuhn, 1998).

Durante longos períodos, a comunidade científica trabalha dentro de um paradigma aceito, refinando suas teorias e resolvendo problemas dentro desse enquadramento. Porém, quando anomalias se acumulam e não podem mais ser explicadas pelos modelos existentes, surgem crises que resultam em uma ruptura e na adoção de um novo paradigma. Para Kuhn, esse processo não é apenas lógico, mas também influenciado por fatores sociais, históricos e culturais.

Essa visão revolucionária transformou a forma como enxergamos a Ciência. Em vez de ser um caminho reto rumo à verdade absoluta, a Ciência se

⁴ Filósofo da Ciência, físico e historiador. Formado pela Universidade de Harvard. Foi Professor da Universidade de Harvard, Universidade de Princeton, Universidade da Califórnia e também trabalhou no Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

revela como um campo dinâmico, no qual o que é considerado “verdadeiro” depende do contexto e das ferramentas disponíveis para interpretar o mundo. A revolução científica proposta por Kuhn (1998), nos mostra que grandes avanços não acontecem apenas pela acumulação de dados, mas sim pela capacidade de romper com antigos modelos e construir novas formas de pensar.

Ao trazer essa perspectiva, Kuhn humanizou o olhar sobre a Ciência, reconhecendo que ela não se move apenas por lógica e experimentação, mas também por conflitos, disputas e transformações profundas na maneira como os cientistas enxergam o mundo.

O desenvolvimento da Ciência é, portanto, uma trajetória de contínua reformulação, em que diferentes pensadores contribuíram para lapidar o método de investigação da realidade. De Roger Bacon a Popper, passando por Descartes, Comte e Kuhn, a Ciência se construiu como um campo dinâmico, no qual o conhecimento não é estático, mas fruto de um aprimoramento constante. Cada avanço reflete o espírito de sua época e responde às demandas de um mundo que está sempre mudando, reforçando a ideia de que a busca pelo saber é, acima de tudo, uma jornada coletiva e inacabada.

Essa nova visão da Ciência impactou a maneira de compreender o mundo, especialmente através dos conhecimentos científicos aprendidos na sala de aula, pois o conhecimento deixou de ser considerado dogmático, exato e imutável, passando a ser visto como transitório, inconcluso e passível de críticas e reformulações.

Em consequência, os cientistas passaram a ser vistos como membros de uma comunidade e não como gênios perfeitos, já a Ciência passou a ser compreendida como uma construção histórica, própria de seu tempo.

2.4. A relação entre Filosofia e senso comum

O senso comum é aquilo que orienta nossas ações cotidianas, formado por crenças, tradições e saberes construídos socialmente sem um exame aprofundado. Ele nos permite agir rapidamente em diversas situações sem precisar refletir sobre cada detalhe. Contudo, essa forma de conhecimento tem suas limitações, pois frequentemente se baseia em ideias fragmentadas, contraditórias e pouco fundamentadas. A Filosofia, por sua vez, surge como um convite à reflexão, ao questionamento e à análise crítica das concepções que aceitamos sem questionar.

Antonio Sebastiano Francesco Gramsci¹ (1891-1937) destaca essa diferença ao definir o senso comum como um conjunto de concepções dispersas e muitas vezes incoerentes, que predominam na cultura popular. Segundo Gramsci (2001), a Filosofia tem um papel fundamental nesse contexto: transformar esse conhecimento espontâneo e desorganizado em uma visão de mundo mais consistente e crítica. Isso não significa rejeitar o senso comum por completo, mas sim reformulá-lo à luz da reflexão.

Essa necessidade de ultrapassar o senso comum também foi enfatizada por Russell. Para ele, a Filosofia expande nossos horizontes ao nos fazer perceber que há muitas maneiras de enxergar a realidade. Essa postura nos permite abandonar visões fechadas e aceitar a complexidade dos problemas humanos. Ademais, Karl Marx² (1818-1883) e Friedrich Engels³ (1820-1895) apresentam outra crítica ao senso comum, argumentando que ele não é apenas um saber ingênuo, mas muitas vezes um reflexo das ideologias dominantes. Marx e Engels (2001) apontam que as crenças aceitas sem questionamento podem ser um instrumento de manutenção do status quo, impedindo mudanças sociais.

1 Filósofo marxista, linguista, jornalista e político italiano. Estudou na Universidade de Turim, foi filiado ao Partido Socialista Italiano e seus escritos jornalísticos eram publicados em jornais de esquerda.

2 Filósofo, economista, historiador, sociólogo, jornalista e teórico político. Formado em Direito e Filosofia pelas Universidades de Bona e Berlim.

3 Empresário industrial e teórico revolucionário prussiano (nascido na atual Alemanha). Junto com Marx fundou o socialismo científico (marxismo).

Assim, a Filosofia tem a função de desnaturalizar essas concepções, revelando seus fundamentos e suas implicações políticas e sociais. Nessa perspectiva, a relação entre Filosofia e senso comum não é de total oposição, mas de tensão. Enquanto o senso comum tende a aceitar ideias de forma acrítica, a Filosofia busca problematizá-las e reavaliá-las. Isso pode gerar desconforto, pois nos obriga a questionar crenças que considerávamos óbvias. No entanto, esse processo é essencial para a construção de um pensamento mais autônomo e bem fundamentado.

Diante disso, é possível utilizar o pensamento filosófico para analisar o senso comum, a fim de compreender que nem tudo o que “parece óbvio” é necessariamente verdadeiro. Por isso, o papel da Filosofia não é simplesmente se opor ao senso comum, mas aprimorá-lo, tornando-o mais reflexivo e consciente.

A Filosofia geralmente está associada à busca pelas verdades universais e à superação das limitações impostas pela percepção imediata. Platão (1980), em sua célebre Alegoria da Caverna, reflete sobre as sombras projetadas na parede e como essa realidade limitada nos faz acreditar que é tudo o que existe. No entanto, ao deixarmos a caverna, é possível descobrir um mundo muito mais amplo, repleto de luz e conhecimento. Esse processo de libertação simboliza o papel da Filosofia na condução do indivíduo para além das aparências, permitindo uma compreensão mais profunda da verdade.

A alegoria platônica nos leva a refletir sobre quantas vezes aceitamos certas crenças e interpretações do mundo sem questioná-las. As sombras na parede da caverna representam tudo aquilo que tomamos como verdade sem um exame mais aprofundado, seja por influência da cultura, da tradição ou até mesmo por conveniência. Nesse contexto, a Filosofia assume o papel de um guia, desafiando-nos a enxergar além do que nos é apresentado de forma passiva.

Se trouxermos essa reflexão para o mundo contemporâneo, percebemos que os desafios para a construção de um pensamento crítico continuam

tão relevantes quanto na época de Platão. Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno⁴ (1903-1969) e Max Horkheimer⁵ (1895-1973) alertam para os perigos da massificação do pensamento, destacando o papel da indústria cultural na homogeneização das ideias. Para eles, o sistema impõe padrões que moldam a maneira como as pessoas enxergam a realidade, tornando-as cada vez menos propensas a questionar e refletir sobre aquilo que lhes é apresentado.

Nesse sentido, a Filosofia não apenas nos ajuda a questionar as sombras projetadas na parede da caverna, mas também combate a alienação provocada pela repetição de discursos prontos. Adorno e Horkheimer (1985) defendem que a Filosofia deve ser um instrumento para o pensamento autônomo, permitindo que o indivíduo se torne consciente das influências que recebe e desenvolva uma postura crítica diante das informações que consome no senso comum.

Na sala de aula, esse debate se torna essencial. Os estudantes, muitas vezes, chegam à escola já expostos a um grande volume de informações, especialmente na era digital, na qual redes sociais e plataformas de comunicação moldam percepções e comportamentos. Porém, a crítica da realidade pode ajudar os estudantes a compreender como suas visões de mundo são influenciadas e por que é importante questionar o mundo à sua volta. Por isso, para a superação do senso comum no âmbito da Educação, é importante o engajamento em debates sobre temas atuais a partir dessas reflexões filosóficas, pois isso pode levá-los a reconhecer mecanismos de manipulação presentes na mídia, como na publicidade e até mesmo na construção de valores sociais, auxiliando, dessa forma, na autonomia intelectual.

4 Filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. Um dos principais expoentes da chamada Escola de Frankfurt. Graduado pela Universidade de Frankfurt. Um dos principais pensadores do século XX em Estética e Filosofia, crítico do fascismo e do que ele chamou de Indústria Cultural.

5 Filósofo e sociólogo alemão. Membro da Escola de Frankfurt. Desenvolveu trabalhos com Adorno, sendo colaborador da obra *Dialética do Esclarecimento*.

Assim, a análise crítica de notícias, a reflexão sobre discursos políticos e a identificação de padrões culturais impostos pela mídia são formas concretas de exercitar esse pensamento filosófico libertador. No fim das contas, tanto Platão quanto Adorno e Horkheimer nos ensinam que a liberdade do pensamento não acontece automaticamente. Ela exige esforço, questionamento e disposição para sair da zona de conforto.

Parte 03

A Metafísica

A metafísica dedica-se a investigar os fundamentos da realidade, abordando questões como a natureza do ser (ontologia), as relações humanas e a existência de um ser supremo. Esses temas têm sido objeto de reflexão por diversos filósofos ao longo da história, cada um oferecendo perspectivas únicas que enriquecem nosso entendimento sobre o mundo e nossa existência.

3.1. A questão do ser (ontologia)

A ontologia, como estudo do ser, busca compreender o que significa existir e quais são as categorias fundamentais da realidade, o que tem sido uma questão fundamental na Filosofia desde a Antiguidade. Diferentes filósofos abordaram essa questão de maneiras distintas, refletindo suas concepções sobre a realidade e a existência. A seguir, apresentamos um panorama do pensamento de Parmênides¹ (530 a.C-460 a.C), Aristóteles² (384 a.C-322 a.C) e Martin Heidegger³ (1889-1976), destacando suas principais contribuições e posicionamentos ontológicos.

Iniciando por Parmênides, pode-se afirmar que a ontologia encontrou nele um de seus primeiros e mais influentes pensadores. Diferente da visão comum, que aceita a mudança como parte natural da existência, Parmênides propôs

1 Filósofo grego (Grécia Antiga). Iniciou seus estudos em Filosofia na Escola Pitagórica. A sua única obra conhecida é um poema: *Da Natureza*.

2 Filósofo e polímata da Grécia Antiga. Um dos pensadores mais influentes da história ocidental.

3 Filósofo, escritor, Professor e reitor universitário. Formado pela Universidade de Friburgo e pela Universidade de Marburgo. Sua obra principal foi: *Ser e Tempo*.

uma compreensão radicalmente distinta da realidade. Em seu poema *Sobre a Natureza*, ele estabelece a famosa afirmação de que “o ser é e o não ser não é” (Parmênides, 2000), eliminando qualquer possibilidade de transformação real no mundo. Para ele, o ser é único, eterno e imutável, o que contraria diretamente a percepção sensível de um universo em constante mudança.

Com essa perspectiva, Parmênides desafia o conhecimento baseado nos sentidos e propõe que apenas a razão pode nos conduzir à verdade. Segundo sua visão, tudo o que percebemos como movimento, mudança ou pluralidade não passa de uma ilusão. O pensamento parmenidiano rejeita o que parece evidente à experiência humana e inaugura uma tradição filosófica que privilegia o raciocínio lógico como meio de alcançar a realidade absoluta. Essa postura influenciou profundamente a metafísica ocidental, servindo como base para debates filosóficos sobre a natureza do ser e a confiabilidade da percepção sensorial.

Platão foi um dos filósofos que deu continuidade ao problema levantado por Parmênides, distinguindo o mundo sensível, marcado pela imperfeição e mutabilidade, do mundo inteligível, no qual se encontram as ideias eternas e perfeitas. Essa separação se reflete em sua visão ao afirmar que a verdadeira realidade não está no que percebemos com os sentidos, mas sim no que pode ser alcançado pelo pensamento puro. Assim, a teoria das ideias platônicas pode ser vista como uma tentativa de conciliar a Ontologia de Parmênides com a experiência humana de mudança. A influência parmenidiana persiste até a contemporaneidade, especialmente nos debates sobre identidade e permanência no tempo.

Por outro lado, se Parmênides defendeu a unidade e imutabilidade do ser, Aristóteles propôs uma abordagem mais dinâmica e complexa. Aristóteles (2011) afirma que o ser pode ser entendido de muitas maneiras, reconhecendo que a existência não pode ser reduzida a uma única definição rígida. Para Aristóteles, o ser não é apenas uma entidade estática, mas algo a ser analisado sob diferentes aspectos, permitindo compreender tanto a permanência quanto a transformação da realidade.

Uma de suas principais contribuições de Aristóteles para a ontologia foi a distinção entre ser em ato e ser em potência. O ser em ato refere-se à realidade manifesta, aquilo que já se concretizou, enquanto o ser em potência representa aquilo que ainda pode vir a ser. Esse conceito permite explicar o movimento e a mudança sem negar a identidade do ser. Assim, diferente de Parmênides, que via a transformação como ilusão, Aristóteles a compreendia como parte essencial da existência.

Ao contrário da metafísica estritamente racionalista, Aristóteles também valorizava a observação empírica como parte do processo de investigação filosófica. Com isso, ele se distancia tanto do idealismo platônico quanto do monismo parmenidiano, construindo uma metafísica mais acessível e aplicável à realidade do cotidiano.

O debate entre Parmênides e Aristóteles representa um dos momentos mais ricos da história da Filosofia. Enquanto Parmênides defende um ser absoluto e imutável, Aristóteles oferece uma abordagem mais flexível e diversificada. Essas duas perspectivas ainda influenciam a Filosofia contemporânea, alimentando reflexões sobre a natureza da existência, a confiabilidade da percepção e os limites do conhecimento.

Já a Filosofia de Heidegger propõe uma reinterpretação radical do conceito de ser. Para Heidegger (2005), o ser não é uma presença estática, mas um processo dinâmico de vir-a-ser, indissociável da existência humana (Heidegger, 2005). Esse posicionamento contrasta com a metafísica clássica, que muitas vezes tratou o ser como algo atemporal e independente da experiência concreta. Heidegger, por sua vez, argumenta que qualquer tentativa de compreender o ser sem levar em conta a experiência da existência humana está fadada ao fracasso.

A principal crítica de Heidegger à ontologia tradicional é que ela negligenciou a questão fundamental do ser, reduzindo-o a uma categoria abstrata e distanciada da realidade vivida. Ele defende que o ser não pode ser compreendido por meio de definições rígidas, assim, propõe que a única maneira genuína de investigar o ser é observando como ele se manifesta na

existência humana. Isso significa que não há um “ser” universal, independente da experiência humana, mas sim um ser que só pode ser entendido a partir da maneira como os seres humanos existem no mundo.

Nesse contexto, Heidegger introduz o conceito de Dasein, que pode ser traduzido como “ser-no-mundo”. O Dasein não é apenas um entre outros; ele é aquele que se questiona sobre a própria existência. Diferente das coisas meramente presentes no mundo, como uma pedra ou uma árvore, o Dasein tem consciência de si mesmo e está constantemente se relacionando com o seu entorno. Para Heidegger, essa relação é essencial para a compreensão do ser: o ser humano não existe isoladamente, mas sempre em interação com o mundo ao seu redor, em uma rede de significados que molda sua experiência.

Além disso, a Filosofia heideggeriana enfatiza a relação entre ser e tempo. Para ele, a existência não pode ser dissociada da temporalidade, pois é a partir dela que construímos nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. A experiência humana é finita e, por isso, marcada pela angústia da morte e pela possibilidade de autenticidade.

Portanto, o ser humano é chamado a assumir sua própria existência de maneira plena, reconhecendo sua temporalidade e tomando decisões que reflitam uma compreensão genuína do que significa existir. Por fim, longe de ser uma abstração distante, o ser se revela na experiência concreta do dia a dia, nas relações com os outros e na maneira como cada um se posiciona diante de sua própria vida.

No ambiente educacional, esses três pensamentos podem auxiliar bastante os estudantes. O pensamento parmenidiano, por exemplo, pode auxiliá-los a questionarem suas certezas, como uma forma de crítica à razão como único caminho, e a explorar diferentes abordagens para compreender a realidade. Já a perspectiva aristotélica pode ser utilizada para trabalhar a ideia de transformação e continuidade, ao levar os estudantes

a refletirem sobre seu próprio processo de aprendizado, crescimento e compreensão da própria existência.

E o pensamento de Heidegger pode ser um instrumento poderoso para estimular reflexões sobre a identidade e a autenticidade. Quando os estudantes entram em contato com a ideia de Dasein, eles podem começar a questionar sua própria relação com o mundo e as escolhas que fazem. Debates sobre a temporalidade, o significado da existência e a autenticidade podem proporcionar um espaço para que reflitam sobre suas trajetórias e sobre a forma como constroem seus projetos de vida.

Ademais, a ideia de que o ser humano está sempre em relação com o mundo ao seu redor pode ser aplicada no desenvolvimento da empatia e da compreensão do outro. Se a existência é sempre um ser-no-mundo, isso significa que estamos constantemente influenciando e sendo influenciados pelo contexto em que vivemos. Trabalhar essa noção na Educação pode ajudar os estudantes a desenvolverem uma visão mais crítica sobre como suas escolhas e ações afetam os outros e a sociedade como um todo.

Logo, ao estudar esses pensadores, não estamos apenas analisando ideias do passado, mas desenvolvendo habilidades fundamentais para a reflexão crítica. O pensamento filosófico nos ensina a questionar, analisar e argumentar, habilidades essenciais também para a contemporaneidade.

3.2. Relacionamento e ser amado

As relações humanas são fundamentais para a construção da identidade e da experiência do ser. Afinal, ninguém existe isoladamente; nossa percepção de quem somos se constrói no encontro com o outro. A Filosofia reflete sobre essa questão há séculos, especialmente na distinção entre ser e ter nas relações interpessoais.

Desse modo, Gabriel Honoré Marcel¹ (1889-1973) enfatiza que o amor verdadeiro não pode ser reduzido à posse, pois, quando transformamos o outro em um objeto a ser controlado, desumanizamos a relação. Para ele, amar não é possuir, mas sim compartilhar a existência de forma autêntica e recíproca.

Essa perspectiva de Marcel (2010) nos leva a questionar o modo como enxergamos e vivemos nossas relações. O desejo de “ter” alguém pode gerar uma relação baseada na insegurança, no controle e na dependência, enquanto o reconhecimento do outro como um ser livre e autônomo possibilita uma conexão mais profunda e verdadeira. Essa distinção entre ser e ter também pode ser percebida em outras dimensões da vida: buscamos acumular bens, status ou reconhecimento para reafirmar nossa identidade, entretanto nossa essência se constrói na relação significativa com os outros.

Ao longo da vida, aprendemos que as relações amorosas e afetivas influenciam diretamente nossa percepção de nós mesmos. Quando respeitamos o outro como um ser autônomo e singular, nos tornamos mais conscientes da nossa própria individualidade e do valor da alteridade. O reconhecimento do outro nos ajuda a construir um entendimento mais profundo de quem somos, pois é nas relações que o ser se manifesta de forma mais autêntica.

No ambiente educacional, essa reflexão pode ser um importante ponto de partida para discussões sobre ética, respeito e empatia. Em tempos de relações cada vez mais mediadas por tecnologias e redes sociais, em que a superficialidade e a busca por validação externa se intensificam, o conceito de ser e ter nas relações pode ajudar os estudantes a entenderem a importância do respeito e da autonomia no amor e na amizade.

Ao compreenderem essa distinção, eles podem desenvolver uma postura mais crítica sobre seus próprios vínculos, reconhecendo que as conexões autênticas não nascem da posse ou do controle, mas do respeito e da

¹ Filósofo, dramaturgo e compositor francês, ligado à tradição existencialista. Conhecido como mestre do existencialismo cristão.

liberdade. Nessa perspectiva, é possível entender o quanto o pensamento filosófico não está distante da realidade cotidiana, mas pode ser um guia essencial para construir relações mais saudáveis e maduras.

3.3. A existência de um ser supremo na perspectiva filosófica

A existência de um ser supremo, ou Deus, é um dos temas mais antigos e debatidos na Filosofia. Ao longo da história, filósofos tentaram compreender se a ideia de Deus pode ser justificada racionalmente ou se pertence exclusivamente ao domínio da fé. Immanuel Kant¹ (1724-1804), em sua obra *Crítica da Razão Pura* (2001), argumenta que, embora a ideia de Deus seja essencial para a razão prática, sua existência não pode ser provada ou refutada pela razão teórica.

Segundo ele, a crença em Deus surge como uma necessidade moral, pois funciona como um princípio regulador que sustenta a noção de justiça e ordem no universo. Assim, para ele, Deus não é uma conclusão lógica, mas uma postulação que faz sentido dentro de um sistema ético (Kant, 2001).

Esse posicionamento kantiano trouxe um impacto significativo para o debate filosófico, pois deslocou a discussão sobre Deus do campo da metafísica pura para o campo da moralidade e da subjetividade humana. Se para pensadores como Tomás de Aquino a existência de Deus podia ser demonstrada por meio da razão, para Kant (2001) essa demonstração não era possível no sentido estritamente lógico.

O máximo que podemos fazer, segundo ele, é reconhecer a necessidade prática da crença em Deus para dar sentido às nossas ações e ao princípio de justiça no mundo. Esse argumento influenciou correntes posteriores da Filosofia, incluindo o existencialismo e a fenomenologia da religião.

¹ Filósofo, antropólogo, físico, matemático alemão e um dos principais pensadores do Iluminismo e da Filosofia ocidental moderna. Professor da Universidade de Königsberg (Prússia Oriental).

No cenário contemporâneo, a questão da existência de Deus continua sendo amplamente debatida, e o que se mantém constante, no entanto, é a complexidade e a atualidade do tema, que atravessa fronteiras filosóficas, científicas e culturais, afinal, discutir a existência de Deus não significa impor crenças, mas analisá-la em diferentes argumentos filosóficos.

Além disso, essa discussão pode ser conectada a temas como a relação entre Ciência e Religião, o impacto da fé na formação da identidade e o papel da espiritualidade na sociedade contemporânea. A Filosofia, ao abrir espaço para esse tipo de debate, não busca oferecer respostas definitivas, mas sim incentivar uma reflexão mais ampla sobre questões que acompanham a humanidade desde os primórdios da civilização. Nessa perspectiva, estudar a questão da existência de Deus não é apenas um exercício teórico, mas uma oportunidade de exercitar o respeito à pluralidade de pensamentos, essencial para a formação cidadã.

Dessa forma, a exploração dos problemas gerais da metafísica, incluindo a natureza do ser, as relações humanas e a existência de um ser supremo, oferece uma oportunidade rica para o desenvolvimento intelectual e pessoal. Ao engajar-se com essas questões, tanto em contextos educacionais quanto na vida cotidiana, ampliamos nossa compreensão de nós mesmos e do mundo ao nosso redor, promovendo uma existência mais reflexiva, inclusiva e que respeita as diferenças individuais e a pluralidade de ideias.

Parte 04

Ética, normas e ações humanas

A ética, na Filosofia, é o campo que investiga os princípios que orientam nossas ações, refletindo sobre o que é certo ou errado, justo ou injusto. Mais do que um conjunto de regras fixas, a ética é um exercício constante de questionamento e análise das consequências de nossas escolhas, levando em conta valores como dignidade, respeito e responsabilidade.

4.1. A ética e o papel das normas morais na sociedade

A ética, ao longo da História da Filosofia, desenvolveu-se por meio de diversas correntes que buscam orientar a conduta humana e definir o que é moralmente correto. Entre as principais abordagens, destacam-se a ética das virtudes, a ética deontológica e o utilitarismo, cada uma oferecendo perspectivas distintas sobre como devemos agir e quais princípios devem guiar nossas decisões.

A ética das virtudes, com raízes na Grécia Antiga, tem em Aristóteles um de seus principais expoentes. Ele argumenta que a finalidade última da vida humana é alcançar a eudaimonia, frequentemente traduzida como felicidade ou realização plena. Aristóteles (2014) enfatiza a importância do hábito e da razão na formação do caráter moral, pois, para ele, a realização plena é alcançada por meio da prática constante das virtudes, que são disposições habituais para agir corretamente.

No século XIII, Tomás de Aquino¹ (1225-1274) integrou as ideias aristotélicas ao pensamento cristão, ampliando a ética das virtudes. Ele afirma que as virtudes teologais (fé, esperança e caridade) complementam as virtudes cardeais (prudência, justiça, fortaleza e temperança), orientando o ser humano para o bem supremo, que é Deus. Aquino (2001) ressalta ainda que a prática virtuosa conduz não apenas ao aperfeiçoamento individual, mas também ao bem comum.

Em contraste, a ética deontológica, desenvolvida por Immanuel Kant, centra-se no dever e na intenção por trás das ações. Para ele, a moralidade não depende das consequências, mas da conformidade da ação com princípios racionais universais. Kant (2005) propõe que cada indivíduo é capaz de legislar moralmente para si mesmo, respeitando a dignidade inerente a todos os seres racionais. Dessa forma, para ele, as normas morais são universais e baseadas na racionalidade humana, servindo como guia para ações éticas e justas.

O utilitarismo, por sua vez, avalia a moralidade com base nas consequências das ações, buscando promover o bem-estar para o maior número de pessoas. Jeremy Bentham² (1748-1832) é considerado o fundador dessa corrente. Segundo Bentham (2003, p.11), “a natureza colocou a humanidade sob o governo de dois senhores soberanos, a dor e o prazer”, sugerindo que as ações devem ser julgadas por sua capacidade de aumentar o prazer e diminuir a dor, contribuindo para o bem-estar coletivo.

Seu discípulo, John Stuart Mill³ (1806-1873), refinou essa teoria. Mill (1987, p. 14) ao distinguir qualidades de prazer, argumentando que “é melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito”, enfatizou a superioridade dos prazeres intelectuais e morais sobre os puramente sensoriais.

1 Frade católico italiano. Suas obras tiveram grande influência na Teologia e na Filosofia, principalmente na tradição Escolástica.

2 Filósofo, jurista e iluminista. Formado pela Westminster School. Representante da tradição utilitarista.

3 Filósofo, lógico e economista britânico. Formado pela University College London.

David Émile Durkheim⁴ (1858-1917) destacou a moral como elemento central na manutenção da ordem social. Para ele, as normas morais são fatos sociais que existem independentemente dos indivíduos, mas que exercem sobre eles uma coerção, orientando suas ações e garantindo a coesão do grupo. Durkheim (2007, p. 70) argumenta que “a moralidade é o conjunto de regras estabelecidas pela sociedade para regular a conduta dos seus membros”. Assim, a moralidade atua como um cimento social, unindo os indivíduos em torno de valores e práticas comuns.

Outro filósofo que tratou da moralidade foi Friedrich Wilhelm Nietzsche⁵ (1844-1900), oferecendo uma crítica contundente às normas morais tradicionais. Nietzsche questionou a origem e a validade dessas normas, ao sugerir que muitas delas servem para manter estruturas de poder e controlar os indivíduos. Nietzsche (2005, p. 102) afirmou que “a moralidade é a melhor de todas as convenções para orientar a humanidade” e era essencial que os indivíduos reavaliassem as normas impostas e criassem seus próprios valores, promovendo uma moralidade que afirme a vida e a liberdade individual.

Jean-Paul Charles Aymard Sartre⁶ (1905-1980) também enfatizou a liberdade individual na construção das normas morais. Como principal representante do existencialismo, Sartre (2007, p. 29) argumenta que “o homem está condenado a ser livre”, ou seja, cada pessoa é responsável por criar seus próprios valores e normas através de suas escolhas e ações. Nesse sentido, as normas morais não são impostas externamente, mas resultam da liberdade e responsabilidade inerentes à condição humana.

Por fim, Herbert Spencer⁷ (1820-1903) abordou as normas morais sob a ótica evolucionista. Para Spencer, a moralidade evolui juntamente com a

4 Filósofo e sociólogo francês. Considerado o Pai da Sociologia Moderna. Graduado em Filosofia e Sociologia pela École Normale Supérieure, mas desenvolveu seus estudos também nas áreas de Antropologia, Ciências Políticas e Psicologia Social.

5 Filósofo, filólogo, crítico cultural alemão. Formado pela Universidade de Bonn e Universidade de Leipzig.

6 Filósofo, escritor e crítico francês. Conhecido como representante do Existencialismo. Formado pela École Normale Supérieure.

7 Filósofo, biólogo e antropólogo inglês. É um dos representantes do Liberalismo Clássico.

sociedade, adaptando-se às necessidades e desafios de cada época. Spencer (2008, p. 45) sugere que “as normas morais são resultados de uma adaptação progressiva das ações humanas às condições de existência”. Assim, as normas morais não são estáticas, mas evoluem conforme a sociedade se desenvolve e enfrenta novas realidades.

Essas correntes, embora distintas, dialogam entre si na busca por fundamentos que orientem a ação moral. Cada uma oferece ferramentas valiosas para refletirmos sobre nossas escolhas e responsabilidades, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da moralidade humana ao longo do tempo.

Ressaltamos que a relação entre as principais correntes éticas e o contexto educacional é fundamental para compreender como os valores morais são transmitidos e desenvolvidos no ambiente escolar. Cada abordagem filosófica da ética influencia diretamente as concepções pedagógicas e as práticas educativas, moldando desde a forma como os Professores conduzem suas aulas até os princípios que orientam a formação dos estudantes.

A ética das virtudes, por exemplo, inspira modelos educacionais que enfatizam o caráter e o desenvolvimento moral dos estudantes. Aristóteles já defendia que a Educação deveria ser um meio para a formação de cidadãos virtuosos, em que a repetição de boas ações levaria à construção de hábitos morais sólidos. No contexto escolar, isso se traduz em projetos pedagógicos que priorizam o cultivo de valores como responsabilidade, honestidade e respeito, promovendo uma Educação que vai além do conteúdo acadêmico e busca a formação integral do estudante.

A ética deontológica de Kant também tem um impacto significativo na Educação, principalmente na defesa da autonomia e da racionalidade dos estudantes. O ideal kantiano de agir segundo princípios universais ressoa nas

abordagens pedagógicas que incentivam a reflexão crítica e a tomada de decisões baseadas na razão e na justiça. Isso se reflete em práticas como a pedagogia dialógica, em que os estudantes são incentivados a pensar por si mesmos, questionar normas e construir juízos morais fundamentados.

Já o utilitarismo, ao considerar as consequências das ações, influencia modelos educacionais que priorizam o bem-estar coletivo, a inclusão e a equidade. Políticas educacionais baseadas na maximização dos benefícios para o maior número de estudantes buscam garantir uma Educação de qualidade e acessível para todos, promovendo um ensino mais democrático e socialmente responsável. Dessa forma, a ética não apenas orienta as decisões pedagógicas, mas também fortalece a construção de um ambiente escolar mais justo e humanizado.

4.2. Valores éticos e estéticos e suas relações com as ações humanas

Os valores éticos e estéticos desempenham papéis cruciais na orientação das ações humanas, influenciando desde decisões cotidianas até a formação de culturas e sociedades. Enquanto os valores éticos dizem respeito aos princípios que norteiam o comportamento moral, os valores estéticos relacionam-se à percepção do belo e à sensibilidade artística. A interação entre esses dois conjuntos de valores molda não apenas nossas escolhas individuais, mas também a maneira como nos conectamos com o mundo e com os outros.

A ética, como forma de compreender os fundamentos da moralidade e de estabelecer diretrizes para a conduta humana, enfatiza a responsabilidade individual em agir de maneira que nossas ações possam ser direcionadas ao respeito mútuo e a justiça. Por outro lado, a estética explora nossa capacidade de perceber e apreciar a beleza, seja na natureza, na arte ou nas interações humanas. Johann Christoph Friedrich Von Friedrich

Schiller¹ (1759-1805) argumenta que a experiência estética é fundamental para o desenvolvimento moral e intelectual do indivíduo.

Schiller (2002) sugere que a apreciação do belo harmoniza nossos impulsos sensíveis e racionais, contribuindo para a formação de um caráter equilibrado e virtuoso. Assim, a interseção entre ética e estética revela-se na maneira como nossas percepções do belo influenciam nossas escolhas morais. Nelson Goodman² (1906-1998), filósofo americano, propõe que a arte possui a capacidade de reconfigurar nossa visão de mundo, afetando nossos valores e ações. Goodman (1995, p. 14) afirma que as obras de arte “remodelam a realidade” e, ao fazê-lo, podem alterar nossas concepções éticas e estéticas. Assim, a exposição a diferentes formas de arte pode ampliar nossa empatia e compreensão moral.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, mas no contexto das relações humanas, os valores estéticos podem influenciar nossas interações sociais e decisões éticas. A filósofa francesa Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir³ (1908-1986) sugere que a maneira como percebemos e representamos os outros está impregnada de julgamentos estéticos que podem reforçar estereótipos ou promover a igualdade. Segundo Beauvoir (1980), reconhecer essa dinâmica pode nos incentivar a questionar preconceitos e agir de forma mais justa.

Essa discussão é essencial nos dias atuais. O mundo está em constante transição de padrões e valores, e a escola é o lugar privilegiado para esse debate, afinal, é lá onde grande parte do tempo estão as crianças em fase de desenvolvimento.

É lá onde as interações sociais estão mais vivas e reais especialmente nessa era digital, onde perdemos as horas de brincadeiras e conversas nas

1 Filósofo, médico, poeta e historiador alemão. Um dos precursores do Romantismo alemão. Inicia o curso de Direito no castelo Solitude, mas abandona e curso Medicina no Centro de Stuttgart.

2 Filósofo estadunidense. Formado pela Universidade de Harvard. Professor da Universidade de Harvard, Universidade da Pensilvânia, da Universidade de Brandeis e da Universidade de Tufts.

3 Filósofa existencialista, escritora, intelectual, ativista política, feminista e teórica social francesa. Formada pela Universidade de Paris.

ruas com os amigos. E também é na escola onde encontramos o reflexo do que vivemos no mundo virtual polarizado, muitas vezes sendo bombardeados por ideias preconceituosas, julgamentos superficiais e estereotipados. Assim, garantir um debate acerca da relação dos valores éticos e estéticos no cotidiano escolar é prioritário para que a Educação cumpra seu maior objetivo, que é de humanizar as relações.

Em síntese

Filosofia, Educação e transformação social

A Filosofia não se limita a refletir sobre a realidade; ela também tem um papel ativo na transformação social. Ao questionar as estruturas existentes e propor novas formas de pensar e agir, a Filosofia se torna um instrumento fundamental para mudanças efetivas. Essa perspectiva nos lembra que o conhecimento filosófico não deve ser apenas teórico, mas deve se conectar à prática, impulsionando a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O pensamento de Marx sobre transformação da sociedade nos leva a uma reflexão essencial: de que adianta compreender os problemas do mundo se não buscamos formas de superá-los? A Filosofia, quando desvinculada da ação, corre o risco de se tornar um exercício estéril, restrito a debates intelectuais sem impacto na vida real. No entanto, quando usada como ferramenta de questionamento e emancipação, permite que indivíduos e coletivos se tornem protagonistas das mudanças sociais.

Paulo Reglus Neves Freire¹ (1921-1997) reforça essa ideia ao destacar a importância da conscientização crítica. Para Freire (2013), a Educação não pode ser um ato passivo de transmissão de informações, mas um processo que auxilie os indivíduos a compreenderem sua realidade e atuarem na sua transformação. Nesse sentido, a educação filosófica não apenas ensina a pensar, mas dá voz aos que historicamente foram silenciados, permitindo que se tornem sujeitos da própria história.

A Filosofia, portanto, não se restringe a um exercício de análise das injustiças, ela também oferece alternativas para superá-las. Quando analisamos

¹ Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1947 (hoje, Universidade Federal de Pernambuco), mas dedicou-se à Filosofia e História da Educação. Educador brasileiro mais homenageado na história. Doutor honoris causa em diversos países. Criador do Método de Alfabetização que tem o seu nome (Método Paulo Freire). Representante da Pedagogia Libertadora. Patrono da Educação Brasileira (2012).

criticamente os sistemas que estruturam nossa sociedade, percebemos que muitas desigualdades são construções históricas que podem ser modificadas. É nesse ponto que o pensamento filosófico se torna uma ferramenta poderosa: ele desnaturaliza a opressão e aponta caminhos para uma transformação concreta.

No ambiente escolar, essa abordagem filosófica tem um papel fundamental, pois pode ajudar os estudantes a questionarem desigualdades sociais, refletirem sobre o impacto das políticas públicas, reverem suas certezas, repensarem sobre suas interações com o mundo e compreenderem a importância da participação cidadã.

Ao promover debates sobre temas como justiça, ética e direitos humanos, o Professor contribui para a formação de indivíduos mais críticos e engajados socialmente, e que percebem que a realidade em que vivem não é imutável e que eles têm um papel na sua transformação. Assim, mais do que um campo do conhecimento, a Filosofia se apresenta como um convite à ação, pois ensina os estudantes a pensarem criticamente e a perceberem que suas vozes têm poder.

Referências

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos, 1947. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Corrêa. São Paulo: Loyola, 2001.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Giovanni Reale. São Paulo: Loyola, 2011.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2014.

BACON, Francis. **Novum Organum**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

BACON, Roger. **Obras Escolhidas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENTHAM, Jeremy. **Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação**. Trad. Otacílio Nunes. São Paulo: Abril Cultural, 2003.

BERGSON, Henri. **Introdução à metafísica**. In: O pensamento e o movente. Ensaios e conferências. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 183-234.

COMTE, Isidore Auguste Marie François Xavier. **Seleção de textos**. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Os pensadores.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do Oprimido**. 62ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GRAMSCI, Antonio Sebastiano Francesco. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOODMAN, Nelson. **Modos de Fazer Mundos**. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1995.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HUSSERL, Edmund Gustav Albrecht. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.

KUHN, Thomas Samuel. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva. 5ª ed. 1998.

MARCEL, Gabriel Honoré. **O Ser e o Ter**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Trad. Luís Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILL, John Stuart. **Utilitarismo**. Trad. João Paulo Monteiro e Ana Maria Bahiana. São Paulo: Abril Cultural, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PLATÃO. **A República**. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira, 9ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

PARMÊNIDES. **Da Natureza**. Trad. de José Trindade Santos. Lisboa: Thesaurus, 2000.

POPPER, Karl Raimund. **Conjecturas e Refutações**. Brasília: Editora da UnB, 1980.

POPPER, Karl Raimund. **A Lógica da Pesquisa Científica**. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 1975.

RUSSELL, Bertrand. **Os Problemas da Filosofia**. 1912 (original). Trad. Jaimir Conte. 1971. Disponível em: <https://conte.prof.ufsc.br/txt-russell.pdf> acesso em: 26/02/2025.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad. Rita Correia Guedes. Lisboa: Edições 70, 2007.

SCHILLER, Friedrich. **Cartas sobre a Educação Estética do Homem**. Trad. Roberto Schwarz. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SPENCER, Herbert. **Princípios de Ética**. Trad. José Horta Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Conselho editorial

Presidência

Dr. Erick Viana da Silva
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e
Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Conselheiros

Dr. Airton José Vinholi Júnior
Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS)

Dr. Alexander Patrick Chaves de Sena
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr.^a Ana Patrícia Siqueira Tavares Falcão
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. Arquimedes José de Araújo Paschoal
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

MSc. Ayrton Matheus da Silva Nascimento
Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Dr. Dewson Rocha Pereira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dr. Edísio Raimundo Silva
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr.^a Francisca da Rocha Barros Batista
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Dr.^a Iraneide Pereira da Silva
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. Jaime Patricio Leiva Nuñez
Universidad de Playa Ancha (UPLA)

Dr. Jeymesson Raphael Cardoso Vieira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dr. José Ângelo Peixoto da Costa
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. José Ayrton Lira dos Anjos
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Dr. Jose Cuauhtemoc Ibarra Gamez
Instituto Tecnológico de Sonora, Ciudad Obregón
(ITSON)

Dr.^a Lastenia Ugalde Meza
Universidad de Playa Ancha (UPLA)

Dr.^a Renata Cristine de Sá Pedrosa Dantas
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr. Roberto Gómez Fernández
Ministério da Educação de Luxemburgo

Dr.^a Suzana Pedroza da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Dr.^a Maria Trinidad Pacherez Velasco
Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

Dr. Thales Ramon de Queiroz Bezerra
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

Dr.^a Viviane da Silva Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Coordenação Executiva

Mariana Almeida Ferreira Lima
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e
Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Dr.^a Kilma da Silva Lima Viana
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) e
Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Caio Victor Barros Gonçalves da Silva
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e
Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

Coordenação Administrativa

Alexandre Antônio de Lima Júnior
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e
Instituto Internacional Despertando Vocações (IIDV)

